

CORREIO POLÍTICO

Lula Marques/Agência Brasil



Dúbio, Flávio não disse se vai ou se fica

A “tosca” estratégia de Flávio Bolsonaro

Um interlocutor próximo do presidente do PL, Valdemar Costa Neto, classificou ao Correio Político como “tosca” a estratégia usada pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) para lançar seu nome à Presidência da República. Se a ideia era lançar seu nome para negociar a vaga depois, Flávio acabou explicitando isso cedo demais, ao declarar que a retirada da sua candidatura tinha um “preço” apenas dois dias depois de se lançar. Se, ao contrário, era uma candidatura para ser levada a sério, ao fazer a tal declaração colocando um “preço” para a retirada, Flávio estabeleceu de cara que não era algo com muita probabilidade para ser levada adiante. Flávio só liberou o jogo para a direita construir sua alternativa.

Senha para liberar o jogo

O lançamento ainda precipitou a senha de que o ex-presidente Jair Bolsonaro já entendeu que está fora do páreo. Ou seja, está aberto o jogo do campo conservador para pavimentar seus caminhos. E se aquele com o sobrenome Bolsonaro já disse que entrou para sair, abre-se a chance para que a alternativa não tenha ninguém do clã. Esse é o cenário ideal desejado especialmente pelo Centrão.

Reprodução



Armando Corrêa negociou vaga para Sílvio em 89

Nem Sílvio Santos foi tão rápido

Nem Armando Corrêa foi tão rápido quanto Flávio para dizer que sua candidatura era para negociar depois. Em 1989, ele lançou-se candidato à Presidência pelo PMB, até abandonar a candidatura e entregar a sigla à aventura de lançar o apresentador de TV Sílvio Santos em seu lugar. A candidatura de Sílvio acabou depois impugnada pelo TSE. Flávio teria deixado explícito demais que sua postulação era um “bode na sala” para inibir movimentações à revelia do clã. Seja do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), seja da sua madrastra, Michelle.

Só dele

A forma do lançamento já foi interpretada como um voo solitário. É a primeira vez que o mundo político viu uma candidatura ser lançada a partir de uma postagem nas redes sociais. Sem reunião. Sem entrevista. Sem anúncio formal. Sem festa. Sem convenção. Sem nenhuma outra declaração além da do próprio postulante. O anúncio de Flávio pode ainda precipitar outros movimentos.

POR
RUDOLFO LAGO

Senado

Movimentos que estavam congelados na disputa pelas vagas ao Senado no Rio de Janeiro. Flávio tem uma das vagas do PL reservadas para ele. A outra é do governador Cláudio Castro. Ao dizer que é candidato à Presidência, Flávio assanha a ambição de outros pretendentes a uma dessas vagas.

Pretensões

Se Flávio abrirá mão da vaga de senador, abrem-se as portas para as pretensões do senador Carlos Portinho (PL) e do deputado Altineu Côrtes (PL). Como no caso de Flávio, o mandato de Portinho termina agora (quem no Rio ainda tem quatro anos é Romário). Altineu também cobiça a vaga.

Rejeição

Outro ponto que Flávio pode ter calculado mal no lançamento da sua candidatura diz respeito à força do sobrenome Bolsonaro. O filho 01 talvez tenha imaginado que somente por ser Bolsonaro seria guindado a uma posição competitiva. Não levou em conta que há também rejeição alta ao sobrenome.

Bolsonaro

Se Jair Bolsonaro pudesse ser candidato, Lula teria 41%, e ele 29%. A intenção de voto no ex-presidente caiu, mas ele ainda é um ativo forte. Mas há um problema: a rejeição ao nome de Jair Bolsonaro é de 45%, maior ainda que a rejeição ao nome do próprio Lula, que é de 44%. Assim, a união do ex-presidente leva talvez consigo essa rejeição.

Michelle

Michelle, a essa altura, pode já ter conseguido obter um capital próprio para além do sobrenome do marido. Ela chega a ter no primeiro turno um desempenho ligeiramente melhor do que Tarcísio de Freitas. Contra ambos, Lula ficaria com 41%. Mas Tarcísio teria 23% e Michelle teria 29%. Michelle, avalia-se, larga bem.

Primeiro turno

Enquanto isso, uma insistência na candidatura de Flávio poderia ser o caminho mais fácil para Lula talvez obter uma inédita, para ele, vitória presidencial ainda no primeiro turno. Na simulação que o Datafolha fez com o senador como o nome principal da direita para a disputa em 2026, Lula teria 49%, e ele 22%.



Para Paulinho da Força, chance de aprovação seria “zero”

Flávio diz que só desiste se pai for anistiado

Para cientista política, poder de barganha do senador é limitado

Por Beatriz Matos

Centrão.

O anúncio da pré-candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) à Presidência da República, feito na semana passada, abriu uma nova frente de pressão do bolsonarismo sobre o Congresso e elevou a temperatura na disputa eleitoral de 2026. Escolhido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro para representar o grupo na corrida ao Palácio do Planalto, dias depois do anúncio o senador afirmou, em entrevista para a Record, que existe um “preço” para que ele desista da disputa: a anistia ao pai, condenado por tentativa de golpe de Estado e cumprindo pena de 27 anos.

Flávio afirmou que seu nome é “altamente competitivo” para a eleição e disse que sua pré-candidatura é “consciente”. No entanto, admitiu que pode não ir “até o fim”. Segundo ele, a única condição para retirar seu nome da disputa é ver Jair Bolsonaro “livre, nas urnas e caminhando com seus netos pelas ruas”.

“Meu preço é justiça. Não é só comigo, é com quase 60 milhões de brasileiros que foram sequestrados”, declarou.

Nos bastidores, o anúncio de Flávio foi interpretado como um teste para medir a aceitação do nome dentro do próprio campo bolsonarista. Com a oficialização da pré-candidatura, Flávio Bolsonaro iniciou uma rodada de articulações com lideranças do

Um primeiro jantar com os presidentes das principais siglas foi marcado para esta semana, em um movimento que servirá como teste para medir o grau de adesão ao seu nome e avaliar a fidelidade das lideranças partidárias. A expectativa entre aliados é de que novas reuniões ocorram nos próximos dias, à medida que o senador tenta consolidar apoio político e compreender o espaço real que terá dentro do bloco.

Mesmo diante da pressão, o relator do PL da Dosimetria, o deputado Paulinho da Força (Solidariedade-SP), afirmou que a “única saída” possível seria discutir a dosimetria das penas. “Anistia? Zero. Não tem nenhuma possibilidade de se aprovar. Não há força política para isso”, disse.

Barganha

A fala de Flávio Bolsonaro recolocou no debate político um tema que, segundo a cientista política Fernanda César, cientista política da BMJ Consultores, já estava praticamente fora da agenda do Congresso. Para ela, a declaração do senador elevou a pressão em um momento em que o assunto já era dado como superado, mas a movimentação do senador elevou a pressão sobre o tema no Congresso.

Ela pondera que isso não significa adesão automática da base aliada, pois o poder de barganha do senador é limitado.